

Módulo 5: Ferramentas para uma Linguagem Inclusiva

ATHENA

T3.3. – Gender training programme for the internal institutional staff

Fundo Regional de Ciência e Tecnologia

Ponta Delgada, 17 de outubro de 2022

Formador: *Paulo Vitorino Fontes, Centro de Estudos Humanísticos da Universidade dos Açores*

O papel da linguagem como agente socializante de gênero

As únicas diferenças reais entre mulheres e homens são as biológicas, naturais, nascemos com elas; temos cromossomos diferentes: dos 23 pares de cromossomos que tem a espécie humana, um par se diferencia sendo XX para as mulheres e XY para os homens.

Desse modo mulheres e homens têm características sexuais diferentes: genitais internos e externos, e características secundárias como os pelos, a voz ou os seios. Portanto, o sexo faz referência às diferenças biológicas que existem entre mulheres e homens. São congênitas, nascemos com elas e são universais, ou seja, são iguais para todas as pessoas.

(María J. Escudero et all)

O papel da linguagem como agente socializante de gênero

Todas as demais diferenças que se atribuem a mulheres e homens, sensibilidade, docura, submissão, dependência, fortaleza, rebeldia, violência, independência são culturais e, portanto, aprendidas; é uma construção cultural chamada gênero.

O gênero, feminino ou masculino, que nos adjudicam ao nascer, refere-se ao conjunto de características simbólicas, sociais, políticas, econômicas, jurídicas e culturais, atribuídas às pessoas de acordo com seu sexo.

O papel da linguagem como agente socializante de gênero

São características históricas, social e culturalmente designadas a mulheres e homens numa sociedade com significação diferenciada do feminino e do masculino, construídas ao longo do tempo e que variam de uma cultura a outra. Portanto, modificáveis.

Da mesma forma, o gênero está institucionalmente estruturado, isto é, é construído e se perpetua em todo o sistema de instituições sociais (família, escola, Estado, igrejas, meios de comunicação), os sistemas simbólicos (linguagem, costumes, ritos) e os de normas e valores (jurídicos, científicos, políticos).

O papel da linguagem como agente socializante de gênero

A partir do conceito “gênero” surge o que se denomina de sistema sexo-gênero que consiste em que pelo fato de nascer com um determinado sexo, mulher ou homem, isto é, com algumas diferenças biológicas, nos é atribuído um gênero, feminino ou masculino.

O problema surge quando há uma valorização social diferente que desvaloriza o gênero feminino em habilidades, comportamentos e trabalhos, e que coloca na sociedade as mulheres em uma posição de desvantagem com relação aos homens (María. J. Escudero et all).

O papel da linguagem como agente socializante de gênero

O sistema de gênero numa determinada sociedade estabelece, dessa maneira, o que é “correto”, “aceitável” e possível para mulheres e homens.

Os papéis e as identidades que se atribuem para a mulher-mãe, dona de casa, responsável pelas tarefas associadas à reprodução familiar; homem-pai, provedor, chefe de família, cumprem um papel importante na determinação das relações de gênero.

Esse sistema de gênero é transmitido, aprendido e reforçado por meio de um processo de socialização.

A socialização de gênero

A socialização é o processo de aprendizagem dos papéis sociais. É um processo no qual a pessoa está imersa inclusive antes de nascer, nas expectativas que nossa futura família tem sobre nós e pelo qual aprendemos e interiorizamos as normas, valores e crenças vigentes na sociedade.

Uma das características mais importantes da socialização é a socialização de gênero; processo pelo qual aprendemos a pensar, sentir e comportar-nos como mulheres e homens segundo as normas, crenças e valores que cada cultura dita para cada sexo.

O papel da linguagem na socialização de gênero

A língua é um facto tão cotidiano que o assumimos como natural, sendo que poucas vezes nos detemos a perguntar-nos o alcance e a importância da mesma.

Mas, poderá faltar apenas um momento de reflexão para convencernos de que esta naturalidade da língua é uma impressão ilusória.

O papel da linguagem na socialização de gênero

A linguagem não é algo natural, mas sim uma construção social e histórica, que varia de uma cultura para outra, que se aprende e que se ensina, que forma nossa maneira de pensar e de perceber a realidade, o mundo que nos rodeia e o que é mais importante: pode ser modificada.

Por intermédio da linguagem aprendemos a nomear o mundo em função dos valores imperantes na sociedade. As palavras determinam as coisas, os valores, os sentimentos, as diferenças.

O papel da linguagem na socialização de gênero

Androcentrismo – o homem como centro e medida de todas as coisas

O que não se nomeia não existe e utilizar o masculino como genérico tornou invisível a presença das mulheres na história, na vida quotidiana, no mundo.

Basta analisar frases como: “Os homens lutaram na revolução francesa por um mundo mais justo, marcado pela liberdade, igualdade e fraternidade”. E as mulheres? Onde ficam nessa luta?

O papel da linguagem na socialização de gênero

Não nos enganemos: quando se utiliza o genérico está se pensando nos homens e não é certo que ele inclua as mulheres.

A esse respeito, diz Teresa Meana que “não sabemos se atrás da palavra homem se está pretendendo englobar as mulheres. Se for assim, elas ficam invisíveis e se não for assim, ficam excluídas”.

Por outro lado, o **sexismo** é e atitude discriminatória em relação ao sexo oposto. Ex: “caladinha você fica mais bonitinha”

O papel da linguagem na socialização de gênero

Os efeitos que produzem na língua a discriminação sexista e androcêntrica podem ser agrupados em dois fenômenos:

- Por um lado, o silêncio sobre a existência das mulheres, a invisibilidade, o ocultamento, a exclusão.
- Por outro, a expressão do desprezo, do ódio, do conceito sobre as mulheres como subalternas, como sujeitas de segunda categoria, como subordinadas ou dependentes dos homens.

Do sexismo e da linguagem sexista à ...

«Qualquer atitude, gesto, representação visual, linguagem oral ou escrita, prática ou comportamento baseado no pressuposto de que uma pessoa ou grupo de pessoas é inferior em razão do sexo, que ocorra na esfera pública ou privada, por via eletrónica ou não, com o objetivo de, ou que tenha como consequência: i. ofender a dignidade intrínseca ou os direitos de uma pessoa ou um grupo de pessoas; ou ii. provocar danos ou sofrimento físico, sexual, psicológico ou socioeconómico a uma pessoa ou um grupo de pessoas; ou iii. criar um ambiente intimidatório, hostil, degradante, humilhante ou ofensivo; ou iv. entravar a autonomia e o pleno gozo dos direitos humanos de uma pessoa ou um grupo de pessoas; ou v. perpetuar e reforçar estereótipos de género.»

Conselho da Europa (2019)

O papel da linguagem na socialização de gênero

No entanto, a língua em si não é sexista, mas sim o seu uso.

Em todas as línguas existem diversos recursos para incluir mulheres e homens sem preconceito ou omissão de umas e outros.

Por outro lado, a língua é um instrumento flexível, em evolução constante, que pode ser perfeitamente adaptada a nossa necessidade ou ao desejo de comunicar, de criar uma sociedade mais equitativa.

O papel da linguagem na socialização de gênero

Em resumo, a linguagem é um dos agentes de socialização de gênero mais importantes ao moldar nosso pensamento e transmitir uma discriminação por motivo de sexo.

A língua tem um valor simbólico enorme, o que não se nomeia não existe, e durante muito tempo, ao utilizar uma linguagem androcêntrica e sexista, as mulheres não existiram e foram discriminadas.

Foi nos ensinado que a única opção é ver o mundo com olhos masculinos, mas essa opção oculta os olhos femininos.

O papel da linguagem na socialização de gênero

Não é, portanto, incorreto, ou uma repetição, nomear em masculino e feminino, isso não supõe uma duplicação da linguagem em bom rigor, porque tratam-se de géneros diferentes. É simplesmente um ato de justiça, de direitos, de liberdade.

É necessário nomear as mulheres, torná-las visíveis como protagonistas de suas vidas e nãovê-las apenas no papel de subordinadas ou humilhadas. É necessária uma mudança no uso atual da linguagem de forma que apresente equitativamente as mulheres e os homens.

O gênero na linguagem – algumas considerações prévias

Existem usos gramaticais que, com clara intenção social e política, generalizaram-se e que não têm coerência nem justificativa razoável para seu uso.

Assim, fizeram-nos crer que ao nomear um grupo misto de pessoas no masculino estamos nomeando também as mulheres desse grupo. Isso é absolutamente falso.

Vejamos a seguinte frase: *Solicitamos que todos se sentem!*

Poderíamos afirmar que se está referindo a um grupo misto?

O gênero na linguagem – algumas considerações prévias

Os homens são violentos.

Poderíamos assegurar que se refere a mulheres e homens?

Os heróis morrem jovens.

Ao ler, imaginamos mulheres e homens ou só soldados homens?

Os Alentejanos avançaram muito na pesquisa.

Pensamos em investigadoras e investigadores?

O gênero na linguagem – algumas considerações prévias

É verdade que nenhuma dessas frases se identifica claramente com um grupo no qual há mulheres.

Pelo contrário, quando se fala em masculino como se fosse neutro, na realidade se excluem as mulheres e se cria uma ideia muito concreta de quem são os heróis, os investigadores e quem são os violentos.

Principalmente se falamos de temas que foram atribuídos aos homens e que são valores supostamente masculinos.

O gênero na linguagem – algumas considerações prévias

As palavras não podem significar algo diferente do que nomeiam. O conjunto da humanidade está formado por mulheres e homens, mas em nenhum caso a palavra “homem” representa a mulher.

Para que a mulher esteja representada é necessário nomeá-la.

A discriminação de gênero também foi construída a partir da linguagem. Assim, sua desconstrução passa por eliminar todas aquelas palavras que mantêm as mulheres não apenas invisíveis, o que é, como dissemos, uma forma de discriminação mediante a exclusão, mas por eliminar também o uso de palavras que as desvalorizam, subordinam, rebaixam ou que não são equitativas.

ATHENA

Ferramentas para uma língua portuguesa inclusiva

- ✓ LINGUAGEM INCLUSIVA – um tema contemporâneo
- ✓ «isso não é o mais importante»
- ✓ O poder da linguagem para CRIAR

ATHENA

Ferramentas para uma língua portuguesa inclusiva

Do sexismo e da linguagem sexista ...



... à linguagem inclusiva

«A linguagem inclusiva é uma opção de linguagem que tem como objetivo desconstruir a ideia do masculino como universal, promovendo a igualdade de género e a inclusão»

ATHENA

Ferramentas para uma língua portuguesa inclusiva

«A linguagem neutra do ponto de vista do género é um conceito genérico que se refere à utilização de linguagem não sexista, de linguagem inclusiva ou de linguagem equitativa do ponto de vista do género. O objectivo de uma linguagem neutra do ponto de vista do género consiste em evitar a escolha de termos susceptíveis de serem interpretados como tendenciosos, discriminatórios ou pejorativos ao implicarem que um sexo ou um género social constitui a norma. A utilização de uma linguagem equitativa e inclusiva do ponto de vista do género contribui igualmente para reduzir os estereótipos de género, para promover mudanças sociais e para alcançar a igualdade de género.»

Parlamento Europeu (2018)

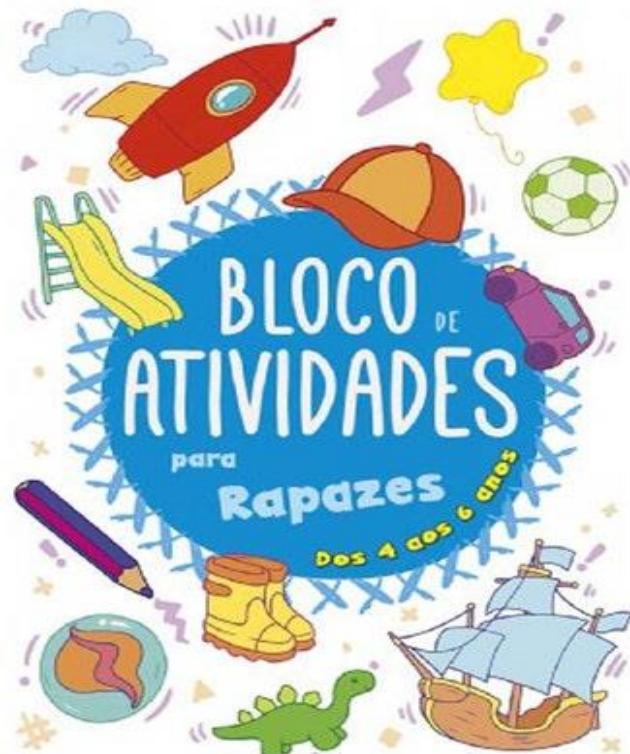
ATHENA

Ferramentas para uma língua portuguesa inclusiva



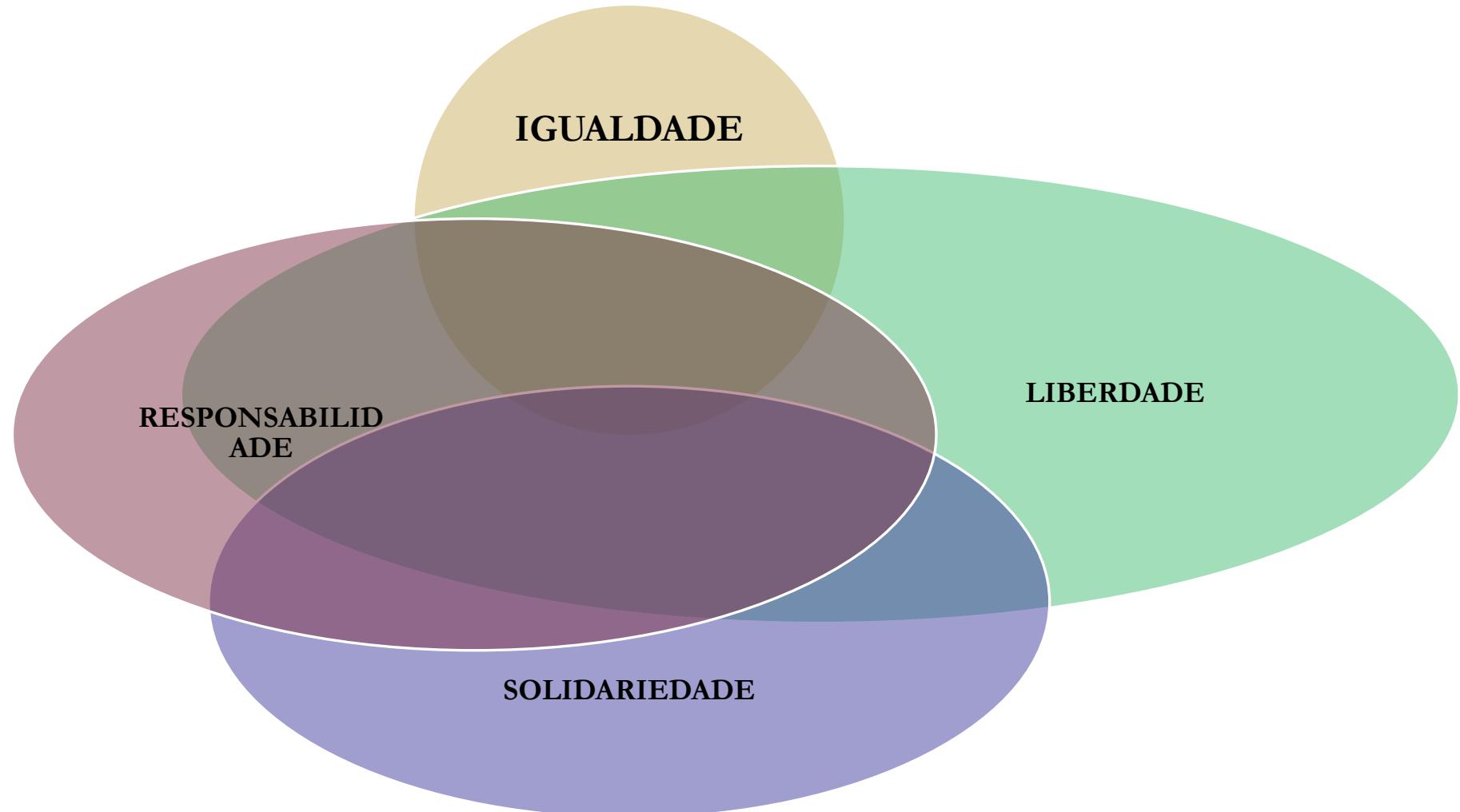
ATHENA

Ferramentas para uma língua portuguesa inclusiva



ATHENA

Ferramentas para uma língua portuguesa inclusiva



ATHENA

Ferramentas para uma língua portuguesa inclusiva



HANSA METHA
(1897-1995)

https://www.youtube.com/watch?v=f8mxg_CtSt0

ATHENA

Ferramentas para uma língua portuguesa inclusiva

Debate:

- Aumento da consciência sobre os alcances da linguagem... Como?

Referências:

Manual para uso não sexista da linguagem. (2014). Governo do Estado do Rio Grande do Sul.

María J. Escudero, Mara Pulido y Paki Venegas (2003). Guía didáctica. Un mundo por compartir. Granada: ASPA.

Paul Ricoeur (1978). O Conflito das Interpretações: Ensaios de hermenêutica. Rio de Janeiro: Imago Editora, p.27.

Paulo Freire (1987) Pedagogia do Oprimido, 17^a Edição, Rio de Janeiro, Paz e Terra, p.70.